

ÁREA TEMÁTICA: (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TECNOLOGIA E PRODUÇÃO
- TRABALHO

A VERDADE POR TRÁS DO JOGO DESAFIOS DA BALEIA AZUL E A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS

**Denise Cristina Madureira Mino (denisemadureira@gmail.com)
Márcia Barbosa Da Silva (marciauepg@gmail.com)**

Resumo: Neste estudo, propomos reflexões acerca da importância da educação voltada para as mídias, em especial a mídia social *Facebook*, local onde as pessoas compartilham experiências, ideias e sentimentos, assim como seu mau uso na disseminação de falsas notícias e as consequências por elas geradas, como o jogo *Desafios da Baleia Azul*. O questionamento teve origem a partir de estudos e discussões realizados durante encontros do Programa de Extensão: Laboratório e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Mídia e Educação–LUME, que tem apoio do “Universidade Sem Fronteiras”. Numa abordagem qualitativa, buscaremos respostas ao problema de pesquisa procurando entender as consequências que a falta de uma educação voltada para as mídias pode ocasionar na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Mídia e educação. Extensão. Facebook. Desafios da baleia azul.

INTRODUÇÃO

Há alguns meses tem circulado pelas mídias brasileiras notícias sobre um jogo chamado “*Desafios da baleia azul*”, cuja finalidade é incentivar o suicídio. O jogo consiste em cinquenta missões que colocam em risco a vida de jovens e adolescentes e tem feito vítimas em diversas partes do mundo. Com origem na Rússia, o jogo ficou conhecido após a adolescente russa Rina Palenkova ter postado em suas redes sociais, fotos deitada em um trilho de trem e um aviso de despedida, cometendo suicídio na sequência. Após a tragédia, ocorrida no ano de 2015, muitas pessoas passaram a investigar seu perfil na rede social *Facebook*, e lá a garota vinha há meses postando e compartilhando sobre depressão e suicídio, além de participar de “grupos de morte”. Em um desses grupos foi descoberto um jogo intitulado “*Wake me up at 4:20*”, que traduzido para o português significa “*Me acorde às 4:20*”. Segundo especialistas neste caso, 4:20 seria a hora mais comum em que os suicidas cometiam o ato. O mesmo jogo foi conhecido em outros casos como “*Blue Whale*”, em português “*Baleia Azul*” e possuía vários desafios, entre eles a automutilação, desenhar uma baleia no próprio corpo com objetos cortantes e um último desafio, seria cometer o suicídio. Até então, não se passavam de boatos, mas, foi quando o Jornal russo *Novaya Gazeta* trouxe a

público, na época, imagens encontradas nesses grupos, entre elas fotos de automutilações, a lista dos cinquenta desafios e uma lista com nomes das vítimas que se suicidaram em consequência do jogo, que o caso ganhou uma dimensão mundial.

Em vários países houve investigações policiais e, em 2016, encontraram e prenderam um suspeito, o jovem russo de 21 anos chamado Filip Budeikin, de ser um dos fundadores do “Baleia Azul” e de vários “grupos de morte”. Em 2017, este assunto veio novamente à tona depois de vários sites russos voltarem a fazer publicações a respeito do jogo, citando um surto de buscas online, nos países da antiga União Soviética, por expressões como “baleia” e “baleias azuis”. Um suposto texto teria sido enviado pela polícia para as escolas, e estas, com medo, pediram para os pais compartilharem o texto no *Facebook*, gerando assim, uma corrente mundial de falsas informações. O texto dizia que um grande suicídio em massa estaria sendo planejado e que cinco mil jovens e adolescentes seriam o alvo, porém, não passou de uma grande farsa. A notícia começou a atrair atenção no Brasil no início de abril deste ano, provocando preocupações e um furor midiático semelhante ao observado na Rússia e em ex-repúblicas soviéticas. Segundo o Ministério da Justiça, há relatos sobre adesão e vitimização de adolescentes que aceitaram desafios propostos pelo jogo em Estados como Paraná, Minas Gerais, Pernambuco, Maranhão e Amazonas.

É de suma importância discutirmos o tema em questão para que sejam evitadas mais tragédias como as citadas anteriormente e, nesse ponto, é importante contarmos com as contribuições de Bauman (2004) sobre as relações sociais frágeis e individualizadas da sociedade contemporânea, em que as pessoas andam sem rumo e sem um referencial de valores éticos e morais. São avaliadas por seus potenciais em gerar prazer e tratadas como objetos de consumo. É o fim de valores antes tidos como essenciais a uma sociedade sólida, como a empatia, a solidariedade, a compaixão de uns para com os outros.

OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é analisar a importância da educação para as mídias, destacando a mídia social *Facebook*, ferramenta de interação e socialização, e seu uso inconsequente na disseminação de falsas notícias e o perigo que há por trás dessa ferramenta, como no caso do jogo que ficou conhecido mundialmente, *Desafios da baleia azul*.

METODOLOGIA

A metodologia adotada no presente trabalho consiste em analisar, nas esferas educacional, midiática e social a importância de uma educação voltada para as mídias com

base em uma fundamentação teórica, utilizando autores que tratam de mídia-educação, cultura de mídias e perspectivas sociológicas como Zygmunt Bauman e Chul Han Byung.

RESULTADOS

Vivemos em um dos momentos mais críticos da humanidade, onde os valores éticos e morais se perderam e, sem norte, o ser humano busca por respostas nem sempre solucionáveis.

Segundo Byung (2014), não vivemos mais uma época viral nem bacteriológica, mas neuronal. “Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI”. (BYUNG, 2014, p. 7)

Na perspectiva de Bauman (2001), ao interpretar a sociedade contemporânea, o filósofo constrói o conceito de modernidade líquida, comparando a fluidez dos líquidos às dinâmicas sociais contemporâneas, e essa ideia vem do fato que os líquidos não têm uma forma, ou seja, são fluídos que se moldam conforme o recipiente nos quais estão contidos, diferentemente dos sólidos que são rígidos e precisam sofrer uma tensão de forças para moldar-se a novas formas. Assim são as relações sociais contemporâneas, facilmente deformáveis, transbordam e escapam preenchendo espaços vazios.

Ao buscar preencher esses espaços vazios, o ser humano é capaz de se automutilar para ter certeza de que ainda é capaz de sentir dor e, é a partir desse ponto que pretendemos alçar voo para relacionar o uso inadequado das mídias sociais, em especial o *Facebook*, com as consequências catastróficas provenientes deste mau uso. Às fragilidades relacionadas à constituição da identidade, somam-se as perspectivas de pós-verdade, que pode ser descrita como “que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”. (NEXO, 2017, s/p.).

Num mar de notícias falsas, opiniões que tomam lugar dos fatos, é preciso desenvolver competências de acesso, análise e circulação de informação de maneira crítica. Nesse sentido o *Facebook* é uma rede social que se presta a esse tipo de estudo, pois através dela circulam conteúdos que são compartilhados sem que ao menos tenham sido lidos em sua totalidade, que dirá verificada a fiabilidade de suas fontes.

O caso da Baleia Azul mostra que o uso das redes sociais como o *Facebook* deveria ser objeto de estudo cuidadoso inclusive pelas instancias educadoras da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos referenciais teóricos analisados, chegamos à conclusão de que é mais do que urgente a criação de políticas públicas voltadas para a educação em mídias, pois esta é condição necessária para a inserção do sujeito na sociedade e na história de seu tempo.

O acesso à leitura – um bem cultural – deve ser oportunizado a todos os cidadãos. Ler a palavra escrita, a palavra oral, a palavra não-dita, implícita no contexto ou em uma imagem, e depreender o sentido que emana de fatores lingüísticos e extralingüísticos torna-se prioridade na escola e fora dela. O analfabeto, hoje, não é simplesmente aquele que não sabe ler ou escrever, mas o que não compreende os textos que o circundam (Ghilardi, 1999, p. 107). A leitura da mídia se constitui nesse contexto um elemento fundante para o exercício pleno da cidadania.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **O amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 40.
- BAUMAN, Zygmunt. **A modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 5.
- GHILARDI, M.I. Mídia, poder, educação e leitura. In BARZOTTO, V.H. e GHILARDI, M.I. (orgs.) **Mídia, educação e leitura**. São Paulo: Anhembi-Morumbi/ALB, 1999, p. 103-112.
- HAN, Byung C. **A sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014, p. 7.
- NEXO JORNAL. **O que é ‘pós-verdade’, a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford**. Disponível em: <https://goo.gl/DFkCCY>. Acesso em 11/07/2017.